

Sarney se preocupa só com ele mesmo

Há um ano, quando se praticou contra o povo brasileiro o maior estelionato eleitoral de que se tem conhecimento na história do País, o presidente José Sarney parecia estar mais preocupado com os governados do que consigo próprio. Agora, a julgar pelas atitudes, vê-se que está pensando unicamente no seu mandato. O resto que se dane.

De fato, quem se coloca contra a sua pretensão de permanecer cinco anos na Presidência da República é declaradamente qualificado como inimigo. Todavia, quem pretende acabar com a presença de multinacionais no País, quem faz da Constituinte um instrumento para preferências ideológicas, quem, enfim, tumultua deliberadamente o processo político brasileiro, insuflando Poder contra Poder, classe contra classe, esse tipo de gente não é inimigo do presidente da República.

Inimigo, mesmo, e tão-somente, é o parlamentar que contraria a vontade presidencial de permanecer no poder por tempo superior àquele que ficou pactuado entre Tancredo Neves e o povo brasileiro no histórico momento da conciliação nacional.

Com perplexidade, vê-se que o presidente da República, para usar uma expressão menos ortodoxa, está pouco se lixando com o que aconteça com o País ou com a Constituinte. Desde que lhe sejam assegurados os cinco anos de mandato, o resto é coisa menor, que pode interessar aos governados, não a ele.

Isso mostra perfeitamente o que vai por dentro do presidente. Na medida em que se desinteressa por tudo o mais, fixando a atenção, unicamente, no seu mandato e na manutenção do presidencialismo, torna-se evidente que está prisioneiro de um fistologismo mais crônico do que aquele que se deparava no comportamento dos antigos pessedistas (aliás, não se deve esquecer, Sarney foi um deles).

Não se viu a menor interferência do presidente da República para tentar evitar que a Comissão de Sistematização aprovasse a despedida imotivada dos trabalhadores, criando uma espécie desconhecida de estabilidade que poderá representar a sentença de morte para milhares de pequenas empresas e o desemprego para número incalculável de trabalhadores.

Não se viu o presidente da República mover uma palha para evitar que a mesma comissão caminhasse em direção ao monopólio na distribuição de derivados de petróleo, resultando na extinção das atividades de empresas que estão há decênios no País, desfrutando, até mesmo, excelente imagem e contando com as simpatias populares.

Os assuntos mencionados são prioritários e importantes, mas não se teve notícia de que tiraram o sono de Sarney. O que o deixa com insônia e o leva a assumir a postura do nordestino cabra macho, ameaçador para seus inimigos, é o risco de ficar menos tempo no poder. Permanecer

no Palácio do Planalto, sentado — e praticamente imobilizado — na cadeira presidencial, estimula o ego do presidente, porém é lamentável, além de cruel para o País, que ele não se dê conta dos estragos que está fazendo.

Para se ter uma idéia dos prejuízos sociais, econômicos e políticos sofridos pela combalida democracia brasileira, basta lembrar o engodo a que foram levados os eleitores um ano atrás, quando o presidente da República, pretendendo estender os domínios peemedebistas por todo o País, apareceu na televisão instituindo que o tabelamento de preços — danoso para o País, mas agradável à grande massa — seria mantido eternamente.

A possibilidade de perpetuação daqueles enganosos dias levou o eleitorado ao erro e ao arrependimento. O PMDB, efetivamente, venceu as eleições nos Estados brasileiros, com uma única exceção, porém a vitória fácil não significou necessariamente um governo bom. Pelo contrário, a julgar pelas reações que hoje se observam entre os brasileiros, é grande o clima de revolta, motivado pelo engodo eleitoral, e amplo o descontentamento, em face da mediocridade dos novos governos.

Nesse panorama adverso, era de esperar-se que o presidente da República concentrasse os seus esforços na solução dos problemas que mais afligem a população, porém verifica-se que ele só é capaz de dar um murro na mesa e vociferar contra seus inimigos quando depara com o risco de perder um ano de mandato. Não se vê o mesmo vigor nas questões administrativas nem no carrossel de loucuras em que se converte a Constituinte.

Sempre que se fala do presidente José Sarney é forçoso lembrar que nele convivem duas tendências antagônicas: a do poeta e a do político. No momento em que, atendendo a um apelo das entranhas, qualificou como inimigo quem defender o mandato de quatro anos, é evidente que não agiu politicamente. Falou antes o poeta.

O risco que o presidente corre, daqui para a frente, é o de comprovar a existência de um verdadeiro exército de inimigos, sobretudo junto à grande massa eleitoral, a qual, às claras, anseia por eleições diretas e que nos livrem de um governo imobilizado.

Ter inimigos não é uma situação desejável para o ser humano, muito menos para um político e presidente da República. Tancredo Neves, todos se lembram, tinha no máximo adversários e concorrentes, inimigos jamais. É possível que entre as tendências que convivem na pessoa de José Sarney agora se acrescente a do nordestino enfesado, sempre tentado a resolver suas dificuldades com violência ameaçadora.

Talvez mais cedo do que pensa, o presidente da República se dê conta de que não são muitos os que cedem às ameaças.